

PESQUISA NO ENSINO BÁSICO: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO ACERCA DO PIBIC ENSINO MÉDIO ENTRE A FUNDAJ E A EREM CÂNDIDO DUARTE

JOSÉ RIBEIRO DE SANTANA NETO

Graduado em Ciências Sociais – Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, josersneto@outlook.com;

TATIANE OLIVEIRA DE CARVALHO MOURA

Doutoranda em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande; moura.tatiane@hotmail.com;

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar uma experiência de iniciação científica oferecida por uma instituição de pesquisa a estudantes de ensino médio de uma escola pública. A produção de trabalhos acerca da relação entre o ensino de Sociologia no ensino básico e a iniciação à pesquisa científica ainda é escassa, apesar de haver programas de iniciação científica para o ensino médio em diversas instituições de ensino superior no país. A importância deste trabalho vai além de uma análise de políticas educacionais, pois busca também pôr em prática instrumentos da Antropologia da educação. A partir de observação participante foi elaborado um caderno de campo contendo informações acerca das atividades do grupo de estudantes, bem como suas interações e algumas falas. Foi possível perceber uma evolução constante na formação desses estudantes no decorrer das atividades de pesquisa. O grupo de bolsistas do PIBIC Ensino Médio da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) foi composto por seis estudantes do segundo ano da EREM Professor Cândido Duarte. Ambas as instituições ficam localizadas em Recife-PE. As observações foram feitas de setembro a dezembro de 2019.

Palavras-chave: Iniciação científica. Ensino Médio. Antropologia da educação.

INTRODUÇÃO

A introdução à pesquisa científica faz (ou deveria fazer) parte dos objetivos da formação dos estudantes na educação básica, principalmente no ensino médio, período de transição ao mercado de trabalho ou à vida acadêmica. Apesar de sua importância, a pesquisa geralmente não recebe a devida atenção, ou melhor, não é tratada com o devido rigor. Seja porque demanda tempo de aula e de produção dos professores, seja pela crença de que estaria acima do nível dos estudantes do ensino básico.

Holanda (2015) aponta outra provável explicação para a não utilização mais expressiva da pesquisa como recurso didático no ensino básico: o fato de que o próprio ensino superior não proporciona aos graduandos em licenciatura uma formação que envolva a prática de pesquisar, tornando-os assim, meros “reprodutores” deste modelo de ensino. Tal constatação acerca da relação entre o ensino básico e a pesquisa científica servirá como ponto inicial das problemáticas aqui analisadas, uma vez que se trata da observação de uma experiência de iniciação científica para estudantes do ensino médio.

O primeiro passo foi conhecer o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM), que é, geralmente, desenvolvido como atividade complementar ao Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência (PIBID), em cursos de licenciatura de universidades. O PIBIC-EM analisado neste trabalho, por sua vez, é fruto de uma parceria entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). A Fundaj é uma renomada instituição de pesquisa e ensino, tendo entre suas diversas atividades, o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), pós-graduação que visa a formação continuada de docentes de Sociologia da educação básica, a partir do desenvolvimento de pesquisas no campo das Ciências Sociais e da educação (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021). O PROFSOCIO conta com um laboratório de pesquisa e extensão, o Sociolab, que tem o PIBIC-EM como uma de suas atividades.

Fui então apresentado ao PIBIC Ensino Médio da Fundaj, que para o período 2019/2020, havia acabado de selecionar como bolsistas, o grupo de seis estudantes do segundo ano da Escola de Referência em Ensino Médio Professor Cândido Duarte. As duas instituições se localizam uma em frente à outra.

Por tratar de iniciação científica, logo de pesquisa científica e de estudantes de ensino médio, se estabeleceu como objetivo deste trabalho, analisar, se, e de que forma a iniciação científica pode contribuir para a formação de estudantes do ensino médio. E a experiência PIBIC-EM Fundaj se mostrava exemplo concreto a ser analisado. E é nesse sentido que descrevo com mais detalhes o programa de iniciação científica na Fundação Joaquim Nabuco e as experiências que envolvem o processo de ensino-aprendizagem que tem a pesquisa como centro.

1. CONHECENDO O PIBIC ENSINO MÉDIO

As experiências de iniciação científica fazem parte das atividades de diversas instituições espalhadas pelo país, e a partir de uma busca rápida na internet é possível encontrar trabalhos acadêmicos dedicados ao PIBIC Ensino Médio ou PIBIC júnior (como é chamado em alguns casos) nas mais diversas áreas. Dentre eles é possível destacar alguns referentes às Ciências Sociais. São exemplos: Welter (2015) e a introdução da Antropologia a estudantes do ensino médio através do PIBID da Universidade Federal da Fronteira Sul, na cidade de Chapecó, Rio Grande do Sul; e Araújo (2018) acerca do desenvolvimento do pensamento sociológico nos estudantes de ensino médio da cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Por sua vez, o PIBIC-EM Fundaj é um programa que, através de uma estrutura tutorial de ensino/aprendizagem, coloca estudantes de segundo ano em contato com os mais diversos elementos da teoria e da prática das Ciências Sociais. Experiências que são desenvolvidas e postas em prática por um grupo de pesquisadores/orientadores da Fundaj e por mestrandas do PROFSOCIO.

O programa contempla estudantes de algumas escolas da região metropolitana do Recife desde 2017. A cada edição um grupo de seis bolsistas, oriundos das turmas de segundo ano do ensino médio, é selecionado através de uma redação, na primeira etapa, e de uma entrevista, na segunda etapa. O grupo observado neste trabalho faz parte da terceira edição do programa, do período 2019/2020.

Minha primeira visita à Fundaj aconteceu em agosto de 2019, quando fui recebido por um dos orientadores do PIBIC Ensino Médio, que também me apresentou o PROFSOCIO. Esta ocasião coincidiu com a reunião de apresentação dos professores/orientadores e introdução do programa de iniciação científica à turma PIBIC-EM 2019/2020. Experiência

importante para que eu percebesse já de início como se daria o encontro entre estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola pública e um grupo de professores/pesquisadores de uma instituição de pesquisa da relevância da Fundaj.

Apesar de ter sido recebido com entusiasmo por todos, justamente por estar fazendo pesquisa de campo, eu pude sentir os efeitos de dividir o ambiente com pesquisadores daquele nível e pude perceber como os bolsistas do PIBIC-EM sentiam ainda mais tais efeitos. Porém o clima foi sendo amenizado pelos próprios orientadores, julgo que tanto por pensarem na adequação didática, quanto pelas experiências vivenciadas com as duas turmas anteriores de bolsistas.

É interessante contextualizar o caminho percorrido pelo PIBIC-EM até chegar à sua terceira edição, e nesse sentido Miranda (2020) resume que:

Em 2017, com aprovação do CNPq, foi desenvolvida a primeira experiência do projeto PIBIC/EM, com alunos de duas escolas, a Escola Estadual Major Lélío – Camaragibe/PE, e a Escola de Referência em Ensino Médio Santa Paula Frassinetti – Recife/PE. Intitulado Caravana da Sociologia, o projeto abordou o tema das “Desigualdades Sociais”. Foi a edição piloto e representou para a equipe uma ideia promissora a ser reproduzida e aperfeiçoada. No segundo semestre de 2018 dava-se início a segunda experiência [...] e abordou a temática “Juventude e participação política” com alunos da Escola de Referência em Ensino Médio Professor Cândido Duarte em Recife – PE (MIRANDA, 2020, p.62).

É interessante pontuar, a partir do que Miranda (2020) levantou, que na edição (2018/2019), a escolha do tema e também da instituição escolar partiu da Fundaj, o que demonstra o caráter experimental, mas planejado e estruturado do programa. Contextualizar o desenvolvimento do olhar para a pesquisa científica nas Ciências Sociais a partir do cotidiano dos próprios estudantes parece ser uma das bases do PIBIC-EM Fundaj. O trecho abaixo reforça:

Por se tratar de ano eleitoral, o tema abordado foi Juventude e Participação Política. A escolha da escola parceira neste segundo projeto justifica-se por ter sido cenário do Movimento de Ocupação das Escolas Públicas que ocorreram em 2016, sendo uma das primeiras escolas

a ser ocupada pelos alunos em Recife e a última a ser desocupada (MIRANDA, 2020, p.19).

Já na edição 2019/2020, foram os bolsistas que escolheram o tema “diversidade”, pois, segundo eles, era um tema presente no cotidiano escolar. A mudança na definição do tema a ser trabalhado pode ser interpretada como uma das mudanças pensadas a cada edição do programa, pelos orientadores/coordenadores do PIBIC-EM Fundaj. Essa capacidade de implementar mudanças julgadas necessárias, a cada nova edição pode ser identificada como a reflexividade do professor. Pimenta (2002) explica que esse tipo de docente investe no exercício contínuo de reflexão, pois sabe que ao fazê-lo, criará respostas pontuais a situações inesperadas e não planejadas. O professor reflexivo calcula o tempo todo as suas ações. Antes de agir, busca em suas experiências as ferramentas adequadas. Ademais, esse professor é analítico em relação às suas metodologias e vivências, de modo que quando algo de positivo acontece, ele imediatamente percebe. É a partir da prática que o professor que reflete busca acumular suas experiências, o que contribui para que não se atenha apenas aos currículos pré-concebidos (PIMENTA, 2002).

A partir das atividades de pesquisa, a edição 2019/2020 do PIBIC-EM Fundaj teve como objetivo produzir um questionário que deveria ser respondido pelos estudantes da escola e também pelos pais. Os dados resultantes seriam organizados em categorias e ajudariam a entender o que a comunidade escolar pensava a respeito do tema diversidade.

Após ter sido apresentada uma visão geral do que é o PIBIC Ensino Médio, voltemos às atividades desenvolvidas com os bolsistas. Organizando por partes, primeiro será apresentado um detalhamento do que foi a série de palestras Seminário em Rede.

O evento promovido pela Fundação Joaquim Nabuco contou, em anos anteriores, com palestras de pesquisadores das diversas áreas das Ciências Humanas, para um público majoritariamente do nível superior de ensino. A seguir descrevo como a série de palestras foi transformada em estratégia didática para o PIBIC Ensino Médio 2019/2020 da Fundaj.

2. APRENDENDO COM PESQUISADORES

O PIBIC Ensino Médio dá a estudantes de segundo ano, oportunidade de aprender a pesquisar através da prática, inclusive no sentido de produzir materiais escritos a partir dos resultados. De tal fato poderíamos concluir que se trata de uma relação unilateral, uma vez que apenas

o grupo de bolsistas tem acesso à formação do PIBIC-EM Fundaj, ou pelo menos sentiram a legitimidade de ter tal acesso. A escola estava presente na Fundaj por meio do grupo de bolsistas PIBIC-EM. É justamente nesse sentido que a série de palestras Seminário em Rede acabou funcionando como uma experiência na qual a comunidade escolar da Cândido Duarte tinha a oportunidade de acessar não somente o espaço físico oferecido pela Fundaj, mas principalmente os seminários apresentados pelas pesquisadoras.

Antes de fazer parte das atividades do PIBIC-EM, a série Seminário em Rede acontecia na Fundaj como evento de divulgação de pesquisas e estudos da intersecção entre educação e as Ciências Humanas, e se voltava para o público universitário. Após experiências exitosas nas duas edições anteriores do PIBIC-EM, para a edição 2019/2020 do programa, a Fundaj organizou a série Seminário em Rede concomitante às atividades e ao tema do programa de iniciação científica para os pibics¹.

Desse modo, o evento Seminário em Rede se dividiu em quatro palestras que acabaram por transpor o objetivo de servir apenas de base teórica às pesquisas dos bolsistas do PIBIC-EM. A partir da divulgação prévia dos eventos nas redes sociais, cada seminário acabou por atrair, além dos estudantes e professores da Cândido Duarte, estudantes universitários e o público em geral.

Este ponto cumpre com o que é proposto nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) acerca da pesquisa sociológica, ao exemplificar o que vem a ser uma pesquisa com considerável rigor científico, apontando que para isso:

É necessário que o professor explique o que é uma pesquisa sociológica, os padrões mínimos de procedimentos que devem ser utilizados, os cuidados que devem ser tomados, enfim, passos e procedimentos objetivos para que o resultado dela possa ser de alguma valia no entendimento do fenômeno a ser observado (BRASIL, 2006, p. 125).

Como também foi concluído a partir das OCNEM, deve-se enfatizar o papel do professor (que aqui seria o grupo de orientadores) como guia dos procedimentos fundamentais da pesquisa científica. Seja

1 Para não causar confusão, a partir deste ponto passo a identificar os estudantes bolsistas do PIBIC Ensino Médio como pibics, dado que assim se identificavam e assim eram identificados pelos outros estudantes da escola.

apresentando meios de busca racionalizada de informações em livros e outros impressos (fontes confiáveis), no caso da pesquisa bibliográfica; seja na orientação ao planejamento antecipado para uma busca empírica e para o estudo dos métodos e técnicas da coleta de dados em campo, no caso da pesquisa exploratória.

Desse modo, cada seminário acabava por se tornar uma experiência particular de relações entre os mais diversos níveis educacionais e de formação. Pesquisadores renomados, doutorandos, mestrandos e graduandos se misturavam às fileiras de estudantes de ensino médio e seus professores. À frente de todos, a palestrante da vez. Sentados à mesa ao lado da palestrante, os bolsistas formavam quase uma comissão avaliadora. Porém, tal posicionamento fazia parte da atividade, pois cada bolsista deveria fazer perguntas ao final da palestra. As perguntas eram elaboradas antes de cada Seminário em Rede, como tarefa de casa, e eram avaliadas em reuniões de orientação. Depois de corrigidas, as perguntas eram levadas por escrito no dia de cada palestra. Como etapa posterior, cada bolsista deveria escrever uma redação a partir da apresentação dos debates da palestra.

A formação para a pesquisa não implica no ato de pesquisar isoladamente. Como coloca Holanda (2015), “a pesquisa é uma prática que não tem o professor como detentor absoluto da verdade, que leva a uma busca, mas não fica restrita à entrega de um trabalho; ela oportuniza a construção de argumentos, propicia debates, dá condições ao estudante para a descoberta e a produção de conhecimento (p.68) ”.

O grupo do PIBIC-EM, desse modo, era preparado para os debates mesmo anteriormente, exercia protagonismo e sabia o que precisaria apreender das palestras, para utilizar depois em suas produções.

Devido à posição distinta dos estudantes bolsistas, e ao caráter polêmico dos subtemas apresentados, houve momentos em que a tensão das relações entre estudantes no ambiente escolar tomou conta da sala de palestras. O que se seguia era o que é cotidiano nas salas de aula, todos falam ao mesmo tempo em voz alta, numa ordem própria de debate, instigados pelo teor do que era discutido. As Ciências Sociais têm o poder de causar tais sensações nos indivíduos. Os estudantes de ensino médio se envolvem em tais discussões de modo a quebrar a timidez de estarem em ambiente outro que não a escola. O aspecto fundamental para que se possa estimular nos estudantes o interesse pelas discussões sociológicas parece ser mesmo a abordagem dos temas por pessoas atentas aos instrumentos didático-metodológicos próprios da área.

Mais uma vez lanço mão do que tratam as OCNEM no trecho:

Em outras palavras, a Ciência acadêmica Sociologia, que prepara professores, deve ser repensada e remodelada, de modo que possa ser apresentada aos estudantes do ensino médio a partir de elementos condizentes com o nível de complexidade da educação escolar, dando origem à disciplina Sociologia. É um resumo do conceito de “mediação pedagógica” (BRASIL, 2006, p.108).

Ainda acerca da importância de uma familiarização dos estudantes com a pesquisa científica no ensino médio, o documento questiona a estagnação do aprendizado a “noções, debates circulares, aleatórios e arbitrários” e aponta a “necessidade de disciplinamento” com relação à “curiosidade” dos jovens. Dando à Sociologia a tarefa de aplicar “procedimentos mais rigorosos, que mobilizem razões históricas e argumentos racionalizantes acerca de fenômenos naturais ou culturais”.

Aproveitando a estrutura de uma instituição de pesquisa e ensino como a Fundaj, o que seria uma experiência restrita a seis estudantes, acabou se tornando algo muito mais amplo, oferecendo a estudantes e pesquisadores de diversos segmentos da educação a oportunidade de contribuir com as discussões em torno do tema juventude e diversidade. Além disso, o choque entre as diversas visões de mundo e níveis de formação, acabou por revelar que o sucesso da iniciação científica para o ensino médio pode estar justamente na atenção à relação bilateral entre a escola e a instituição de pesquisa. A seguir uma breve descrição da série de palestras.

2.1 SEMINÁRIO EM REDE

Como colocado acima, a série de palestras Seminário em Rede, que já fazia parte das atividades da Fundaj, foi, durante o período 2019/2020, programada de modo que fizesse parte das atividades do PIBIC-EM.

Com isso, o primeiro seminário da série teve Raça como tema e contou com a presença de uma doutora em educação e também professora de pós-graduação em Cultura e identidades da Fundaj/UFRPE. Após a exposição, uma sessão de perguntas foi aberta ao público e alguns pontos importantes foram levantados. As questões levantadas pelos pibics pontuavam ou reafirmavam o que havia sido exposto durante a apresentação, o que é compreensível pelo fato de que as questões eram

formuladas antes da palestra e encaminhadas à palestrante. O conteúdo que era apresentado se baseava a partir das perguntas dos pibics.

A frase “-Quero saber o que vocês querem saber a respeito do tema”, dita pela palestrante ao restante do público, ditou o andamento do debate. Um estudante da escola, que não fazia parte do PIBIC-EM, questionou a respeito de um conceito polêmico e foi respondido atenciosamente pela palestrante. Porém grande parte dos demais estudantes ficou contrariada pela afirmação do colega. Uma calorosa discussão entre os que concordavam e os que discordavam se sucedeu, com a interessante divergência das fontes de referências entre os dois lados. As redes sociais e influenciadores digitais davam sustento às justificativas de alguns estudantes não bolsistas. Enquanto era unânime entre os bolsistas a concordância com as palavras da palestrante, o que é possível relacionar com o exercício de iniciação científica de produzir questões e tê-las corrigidas por um orientador da Fundaj. Reforçando a exposição dos conceitos discutidos, os orientadores do PIBIC-EM intercalavam suas falas com as réplicas da plateia.

Tanto os conceitos abordados pela palestrante, como os papéis de debatedores dos pibics e do restante dos estudantes da escola, podem ser relacionados ao que preveem as competências específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da BNCC e correspondem às seguintes competências específicas:

3- Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p.570).

Sucedendo o primeiro seminário em rede, a divulgação para o evento seguinte foi reforçada, o que aumentava a expectativa de público para dali a duas semanas.

O segundo encontro abordou o tema sexualidade e contou com a presença de uma doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora com experiência na área de Sociologia da educação, atuando principalmente nos temas da sexualidade, gênero e educação. Apesar da maior divulgação nas redes sociais e da repercussão do evento anterior, o público foi bem menor. Os estudantes da Cândido Duarte não puderam comparecer, pois estavam em semana de provas. Com isso, apenas os pibics foram liberados a comparecer. Além deles, havia alguns estudantes de universidades federais, professores de outras escolas e orientadores do PIBIC-EM Fundaj. Naquela ocasião a exposição transcorreu de maneira mais amena, comparada à anterior. Num primeiro momento a pesquisadora falou ao público, no restante do tempo foi aberta a sessão de perguntas.

Um grupo de estudantes universitários ocupava o lado esquerdo da grande mesa em formato de U, localizada ao centro da sala. Do lado direito da mesa sentavam-se os pibics. Na cabeceira, de frente para o público e de costas para a tela de apresentação, a palestrante.

A configuração espacial descrita acima serve também para retratar a sessão de perguntas, que se resumiu às questões dos pibics, de um lado, e algumas colocações dos universitários, do outro.

Apesar de ter ocorrido de forma ordenada e produtiva, a palestra parecia ter deixado a desejar, e o motivo era a ausência dos estudantes da escola Cândido Duarte. A apresentação, apesar de ser aberta ao público, era preparada para os estudantes do ensino médio. Como alerta Freire (2003), no título do primeiro capítulo do livro *Pedagogia da Autonomia: "Não há docência sem discência"*.

No terceiro encontro da série, cujo tema foi religião, a exposição foi por conta de uma doutora em Ciências Sociais com experiência na área de Antropologia, estando os novos movimentos religiosos e as religiões afro brasileiras entre seus principais temas de atuação.

Como de costume, eu já aguardava o início da apresentação na sala de eventos, onde ainda eram feitos os últimos ajustes. O público foi chegando e tomando seus lugares.

Universitários, professores de escolas públicas, professores do mestrado profissional da Fundaj e o grupo de pibics. A palestra estava prestes a iniciar, quando a sala foi tomada por um grande número de estudantes

da Cândido Duarte, seus professores e coordenadora pedagógica. Após o esvaziamento do evento anterior, havia sido organizado um verdadeiro planejamento interno por parte da escola, para garantir a participação no seminário em rede.

Não era apenas a iniciativa da escola em marcar presença no evento que me fazia ligar aquele momento a possíveis efeitos resultantes da primeira palestra. O clima entre os estudantes parecia mais acirrado desde o início, da escolha de onde sentar, da formação de grupos, das trocas de cochichos e olhares. A mesa do centro da sala, nos eventos anteriores, era ocupada pelas palestrantes, na cabeceira; pelos pibics, do lado direito; e por pesquisadores da Fundaj, do lado esquerdo. Naquele dia todo o lado direito foi ocupado por estudantes não pibics da escola. Mais uma vez a configuração dos lugares ditou o tom do debate.

Ao ter sido abordado o conceito de intolerância religiosa, foi inevitável o direcionamento do debate a uma transversalidade com o racismo, uma vez que as religiões de matriz africana são as que mais sofrem ataques. Retomar à temática do primeiro seminário, que tratou justamente de relações raciais, foi o suficiente para iniciar mais um debate acalorado e com características de sala de aula. O que chamou atenção naquele momento foram as mudanças de postura daqueles que pensavam diferente do que a pesquisadora expunha. Estavam mais organizados, com melhores argumentos e reclamando o espaço de fala com mais frequência. Não me restava dúvidas, aquele espaço de debates, naquele espaço de pesquisa e Ciências, também era deles agora, pelo menos durante a palestra.

Ao fim do debate, o saldo positivo pôde ser sentido por todos. Por mais que as posições divergentes continuassem, o fato de ter acontecido aquele extravasar de posicionamentos e a quebra das barreiras invisíveis que davam oportunidade a apenas um grupo de pibics de ocuparem aquele espaço, acabou por estabilizar o ambiente e dar um encerramento com ares de conciliação àquele terceiro evento.

No último Seminário em Rede daquela série, que tratou do tema juventude e gênero, foi convidada uma pesquisadora associada da Fundaj, que é doutora em Antropologia e ex-secretária da Secretaria da Mulher de Pernambuco. Sua exposição se deu em um ritmo mais ameno em comparação aos seminários dos temas raça e religião. Todo o tempo sentada à cabeceira da mesa e falando calmamente, num verdadeiro bate-papo.

O público mais uma vez compareceu em grande número. Os estudantes da Cândido Duarte como maioria, se misturavam aos demais

presentes. Os pibics ocupavam novamente o lado direito da mesa. O lado oposto da mesa já não era mais preferência dos demais estudantes da escola, que preferiram os assentos comuns.

Devido ao fato de ter se mantido sentada à mesa durante a palestra, a pesquisadora conseguiu uma participação mais constante de todos nas discussões, principalmente dos pibics e dos outros estudantes da escola. A pesquisadora conduzia com serenidade o andamento das discussões, que na maior parte envolvia colocações dos pibics, que já ensaiavam argumentos razoavelmente embasados em leituras e utilizavam a linguagem sociológica, mesmo que de forma tímida e cautelosa.

Não houve um momento exato entre o término da exposição da palestrante e o início da sessão de perguntas. O que havia naquele momento era uma verdadeira roda de diálogo, onde alguns dos estudantes não pibics já conhecidos desde os seminários anteriores, expressavam suas opiniões e ouviam as réplicas dos pibics. A pesquisadora, com paciência tentava desconstruir as visões preconceituosas e fundamentadas em senso comum, porém respeitando quando não via resultados.

Após o evento Seminário em Rede, a divisão entre a escola e instituição de pesquisa voltava ao que era anteriormente, porém, muitas questões ficaram como resultado das experiências. Se ao observar a sala de aula de Sociologia, na escola Cândido, não pude perceber imediatamente as fissuras nas relações entre os pibics e os demais estudantes, após ter observado as quatro palestras, algumas coisas passaram a fazer sentido. Preferencialmente os pibics sentavam-se em frente ao professor, não necessariamente formavam grupos entre si, mas evitavam sentar próximos a alguns daqueles estudantes com os quais discutiram durante os seminários.

O outro ponto é o fato de que aqueles estudantes que se destacavam com as melhores notas e médias gerais em cada turma, eram incluídos em quadros expostos no pátio da escola. Geralmente os pibics se destacavam. Quando somamos a isso, o fato de o grupo de seis estudantes da Cândido Duarte terem sido selecionados para o programa de iniciação à pesquisa, podemos concluir que, mesmo não causando as divisões e problemáticas no cotidiano escolar dos pibics, o PIBIC Ensino Médio acaba revelando as diferenças entre os estudantes de uma mesma escola. De uma mesma turma, tendo em vista que os pibics são dos segundos anos. Na possibilidade reduzida da oferta de bolsas, aqueles estudantes mais aptos acabam sendo contemplados, mesmo que isso vá causar-lhes

divergências na vida escolar. Mais uma vez o problema central recai sobre a educação escolar.

Para além das bases temáticas apresentadas nos seminários em rede, como parte das atividades do PIBIC-EM, ocorreram reuniões de orientação e correção das redações produzidas pelos bolsistas. Em relação à parte tutorial da experiência de pesquisa dos pibics, descrevo a seguir os resultados das observações.

3. APRENDIZADO ACOMPANHADO

De fato, adaptar eventos das Ciências Humanas para fazer parte da formação em pesquisa de estudantes do ensino médio, havia sido uma excelente estratégia didático- metodológica. Porém, nem só de eventos se deram as experiências do PIBIC Ensino Médio 2019/2020 da Fundaj.

O grupo de pibics contava com, além da estrutura física da Fundaj, com um grupo de orientadores que atuam em diversas áreas da instituição. A relação entre pibics e orientadores era num formato tutorial, com bastante aproximação e atenção a cada atividade. Dividirei as atividades de orientação em três tópicos que discutirei a seguir: reuniões de planejamento, aulas teóricas e aulas de produção de textos.

A estratégia de ensino tutorial observada se coaduna com o que preconiza Demo (2007),

O professor é um orientador e não um repassador de informações. Percebe-se o professor “[...] como orientador do questionamento reconstrutivo no aluno, e não como repassador de conhecimento e controlador deste processo de repasse. Na condição de orientador, torna-se mais fácil ver-se como parceiro de trabalho, exemplo a seguir, motivação constante” (DEMO, 2007, p. 38).

Vejamos a seguir de que forma isso foi observado na prática cotidiana do PIBIC-EM Fundaj.

3.1 PESQUISAR É PLANEJAR

Como expus anteriormente, minha primeira visita à Fundaj coincidiu com a reunião de introdução do projeto PIBIC-EM para os recém selecionados bolsistas. Minha ainda tímida presença no prédio onde funcionam o Mestrado Profissional PROFSOCIO e seu laboratório de extensão SOCIOLAB, se equiparava às posturas quase estáticas dos

pibics. principalmente ao sermos convidados a entrar em uma das salas, onde ocorreria a reunião.

Nos deixar à vontade, porém, era o objetivo dos orientadores que chegavam um após o outro e iam tomando assento ao redor da mesa oval que quase ocupava toda a sala. Uma rodada de apresentações foi iniciada. Os seis orientadores, mestrandas do PROFSOCIO, pibics e eu. Todos apresentados e um pouco mais familiarizados.

Contextualização das experiências, demonstração dos resultados e produções resultantes das turmas PIBIC-EM anteriores. Exposição das análises de ensino-aprendizagem obtidas desde o começo do programa e apresentação das propostas de atividades que seriam desenvolvidas no período 2019/2020. Depois dos pontos tratados pelos orientadores, era a vez dos pibics decidirem a temática que nortearia suas pesquisas. Por conhecerem previamente o programa de iniciação científica, os pibics já haviam deliberado anteriormente em relação ao tema diversidade, que parecia já estar sendo esperado pelos orientadores como escolha dos estudantes. A discussão que se seguiu era então acerca da definição de diversidade, o que demandou um debate entre os orientadores, que divergiam em vários momentos. Sendo solicitados a expor suas concepções do que seria diversidade, os pibics definiram os subtemas raça, sexualidade, religião e gênero.

Com o tema e subtemas definidos, o cronograma foi apresentado e o andamento das atividades definido, intercalando-se entre prática e teoria. A reunião chegava ao fim e os rostos tímidos permaneciam, ainda mais após verem o planejamento, que anunciava suas responsabilidades a partir dali. Responsabilidades que abrangiam estudos e aulas para além da grade curricular da escola.

Dois meses após a primeira reunião de orientação/apresentação do programa aos pibics, e já passadas as palestras do Seminário em Rede, mais uma fase do planejamento das atividades foi discutida. Na mesma sala e dividindo a mesma mesa oval, mais uma vez os seis pibics, as duas mestrandas, quatro dos seis orientadores e eu.

Após terem elaborado perguntas às palestrantes durante os seminários em rede, terem participado das discussões e produzido posteriormente redações acerca dos subtemas, era o momento de passar à etapa seguinte da iniciação à pesquisa. Como atividade principal do PIBIC-EM Fundaj 2019/2020, foi definida a elaboração de questionários acerca dos quatro subtemas (raça, sexualidade, religião e gênero), que seria aplicado na escola, com o objetivo de levantar dados quantitativos em relação ao conhecimento do tema diversidade.

Os orientadores apresentaram, através de slides reproduzidos num monitor, os modelos de pesquisa quantitativo e qualitativo, bem como suas diferenças e possibilidades de utilização em pesquisas. Uma discussão de quais deveriam ser as questões a compor o questionário e qual seria o público alvo se seguiu, com mais um impasse entre os orientadores. Em momentos em que os orientadores discutiam apenas entre si, o restante de nós presentes na sala, nos entreolhávamos.

A transposição didática proposta por Chevallard (1998), quando pensada nas relações entre dois níveis diretos de ensino (professor universitário-graduando, professor graduado- aluno do ensino médio, etc.), já demanda atenção para que seja posta em prática. No caso do PIBIC-EM, parecia haver momentos de dificuldade por parte dos orientadores em se fazerem entendidos pelos pibics. Ao final da reunião, as definições com relação aos questionários acabaram ficando para outro momento e aos pibics foi dada a tarefa de elaborar questões a serem selecionadas posteriormente.

Mais um mês havia se passado e a última reunião de planejamento da qual participei se iniciava. As presenças eram as mesmas, porém, como na primeira reunião, os seis orientadores estavam presentes novamente. As questões elaboradas pelos pibics foram discutidas primeiro. Descartadas as questões repetidas e selecionadas as julgadas pertinentes ao tema diversidade, o questionário tomava forma. A aplicação do questionário passou a ser planejada e os pibics acabaram demonstrando que estavam envolvidos realmente no processo. Os estudantes da Cândido Duarte e seus pais seriam os alvos do levantamento de dados. Com isso os pibics, por conhecerem o cotidiano escolar e o calendário das atividades com os pais e responsáveis, conduziram o restante da reunião, apontando a semana das provas finais e o dia do plantão pedagógico como as datas mais propícias à aplicação dos questionários.

Era nítida a evolução dos pibics a cada reunião. Tanto quanto à participação nas discussões de planejamento frente ao grupo de orientadores, como em saber o momento de assumirem o papel de ligação entre a escola e a Fundaj.

3.2 CIÊNCIA E PESQUISA

O PIBIC Ensino Médio Cândido-Fundaj tem como objetivo principal familiarizar estudantes de segundo ano com os métodos e técnicas de pesquisa, mas para que seja possível, é necessário lembrar que iniciação

científica trata de pesquisa científica. Nesse sentido, o segundo tipo de reunião de orientação à qual os PIBICs tiveram acesso foram aulas expositivas de introdução à pesquisa científica. As aulas foram ministradas por uma das orientadoras e aconteceram no intervalo entre a segunda e a terceira reunião de planejamento. Foi a partir da dificuldade dos PIBICs com relação à elaboração dos questionários que surgiu a necessidade de reforçar as bases teóricas que os ajudariam a compreender mais profundamente a pesquisa científica.

As duas aulas trataram dos tipos de pesquisa quantitativa e qualitativa. Na primeira aula, partindo da contextualização da presença da Sociologia como disciplina escolar, foram discutidas as questões “o que é Ciência?” e “As Ciências Sociais são Ciências?”. Diante da dificuldade dos PIBICs em responder as questões, seguiu-se uma contextualização do processo de validação das Ciências Sociais como Ciência, bem como da aceitação da Ciência/pesquisa científica pela sociedade. Na segunda aula foi feita a diferenciação entre pesquisa escolar e pesquisa científica, passando pelo conceito de imaginação sociológica. Para finalizar, tratou-se da importância da metodologia científica, passando finalmente para as particularidades dos tipos de pesquisa quantitativa e qualitativa e suas possibilidades de utilização.

Percebe-se então, que a evolução dos PIBICs quanto às discussões nas reuniões de planejamento e o aprimoramento de suas produções dos textos e das questões para o questionário, eram fruto desse acompanhamento mais didático nas aulas expositivas. Era notável a postura mais confortável dos PIBICs frente a apenas uma orientadora, ao invés dos quatro ou seis orientadores das reuniões de planejamento. Era de fato uma aula, mas uma aula com um objetivo bem definido: fundamentar teoricamente a prática de pesquisa dos PIBICs.

Uma formação onde primeiro se familiarizam os estudantes com as Ciências também é prevista na BNCC em suas competências gerais 1 e 2:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

[...]

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para

investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018, p.09).

Percebe-se que, mesmo tendo total autonomia na elaboração dos parâmetros internos do PIBIC- EM, os orientadores da Fundaj ofereceram uma formação alinhada, e que até supera as expectativas em relação ao ensino da Sociologia a partir da pesquisa.

3.3 ESCREVER E REESCREVER: SÃO AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Completando o conjunto de recursos didático-metodológicos utilizados na formação dos pesquisadores iniciantes do PIBIC-EM, o terceiro tipo de reunião era a de produção textual. A única reunião do tipo que pude acompanhar, aconteceu entre o terceiro e o quarto seminário em rede e tratou da correção das redações acerca dos temas expostos nas palestras.

Mais uma vez, ao invés do time inteiro de orientadores, apenas um deles era responsável pela aula de redação. Porém, a tranquilidade das aulas teóricas de Ciência e pesquisa com a outra orientadora, deu lugar à tensão e ao nervosismo desde o momento que entramos na sala. As redações escritas nas folhas dos próprios cadernos, eram entregues pelos pibics ao orientador, digitalizadas e expostas no monitor da sala. O orientador lia uma por uma e todos acompanhavam. O constrangimento visível nos rostos dos pibics, por pensarem estar sendo postos à prova, foi dando lugar a um aparente alívio, à medida que o orientador pacientemente indicava “onde poderia melhorar”.

As correções seguiam uma ordem aleatória e, além da estrutura do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão), tratavam da argumentação, coesão e coerência, bem como da acentuação e da pontuação. Ao passo que as primeiras redações eram corrigidas, os demais pibics iam identificando os pontos em suas próprias redações. Era uma experiência tutorial que além de desenvolver a escrita dos pibics, lhes familiarizava com um dos principais receios dos pesquisadores em formação: ter seus textos criticados na presença de outras pessoas. - Ora, mas eram apenas estudantes de ensino médio. É o que se pode pensar. Porém estavam frente a frente com doutores/pesquisadores experientes. E mesmo as pessoas em níveis educacionais mais avançados temem esse tipo de

interação. Becker (2015), ao descrever seu grupo de estudos com pós-graduandos, atesta tal fenômeno:

Eles tinham medo de duas coisas. Temiam não conseguir organizar seus pensamentos, que escrever fosse ser uma confusão tão grande que ficariam doidos. Falaram de um segundo medo: que o que escrevessem estivesse “errado” e que as pessoas (não especificadas) iriam rir deles” (BECKER, 2015, p.15).

De fato, o programa de iniciação científica oferecido pela Fundação Joaquim Nabuco, demonstrou grande comprometimento e organização de suas estruturas e pesquisadores no sentido de desenvolver o pensamento crítico, a imaginação sociológica e principalmente a formação para a pesquisa no grupo de estudantes do ensino médio.

Infelizmente, metade do programa PIBIC 2019/2020, por volta de dezembro de 2019, medidas de distanciamento social começaram a ser tomadas devido à pandemia da COVID19. Com a não possibilidade de acompanhar presencialmente as demais atividades, encerrei minhas observações e tentei acompanhar o que fosse possível do andamento e das produções do PIBIC-EM através das redes sociais. As reuniões dos orientadores com o grupo de estudantes se mantiveram de forma remota até julho de 2020 e pouco tempo depois foi selecionado mais um grupo de seis estudantes da EREM Cândido Duarte para a turma PIBIC-EM 2020/2021. Assim o ciclo se renovava...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo deste trabalho é analisar, a partir das observações de campo, as atividades dos pibics na Fundaj e as relações de ensino-aprendizagem, é pertinente afirmar que os seis bolsistas passaram por uma intensa formação. Tiveram contato direto com pesquisadoras da área trabalhada, sendo protagonistas em diversas ocasiões. Foram acompanhados de perto por uma equipe de orientadores/pesquisadores com vasta experiência no campo das Ciências Humanas. Assistiram aulas teóricas e de formação para a pesquisa. Produziram trabalhos escritos e participaram ativamente das reuniões de discussão e elaboração dos questionários que resultariam nos dados quantitativos a serem analisados e transformados no produto final de suas pesquisas. Com tudo isso, foi possível perceber gradualmente, como este grupo de estudantes de

segundo ano do ensino médio foi sendo transformado em um grupo de verdadeiros pesquisadores de ensino médio.

De uma outra perspectiva, o que ficou nítido foi o fato de que, apesar de ter sido a terceira edição do PIBIC-EM Fundaj, o caráter experimental permanecia. Mesmo havendo um planejamento das atividades, sempre que fosse necessário eram adaptados horários, remarcadas reuniões, etc. Com relação às orientações, era notável a reflexividade quanto à linguagem direcionada aos pibics e à mediação pedagógica para tratar de alguns conceitos e teorias. O objetivo inicial era quebrar as barreiras entre os níveis educacionais para que fosse possível a aprendizagem.

Por último pode-se destacar que, mesmo sendo restrito a um grupo de seis estudantes, o PIBIC-EM, através de seus eventos abertos, permitiu o contato da escola com algumas das experiências que os pibics viveram durante o programa. O que resultou do fato de a escola ter ido à Fundaj foi a sensação de que as palestras e discussões fizeram perceber que o ensino voltado para a pesquisa é capaz, quando embasado em parâmetros, de alcançar mesmo aqueles que não são vistos como alvo.

Apesar de não ter acompanhado diretamente as atividades dos pibics até o fim, por acompanhar através das redes sociais, pude tomar conhecimento de que os questionários haviam sido aplicados aos estudantes da escola e aos pais.

No momento da elaboração deste artigo, mais uma turma de pibics concluiu suas atividades para o período 2020/2021, mesmo que de forma remota na maior parte do tempo. Essa é a deixa para apontar o caminho aberto às possibilidades de novas pesquisas acerca do PIBIC Ensino Médio, seja na Fundaj ou em outra instituição.²

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo da Silva. Iniciação científica jr. em sociologia no ensino médio: prática docente e reflexão crítica sobre a realidade social. **Revista Perspectiva Sociológica**, n.º 21, 1º sem. 2018, pp. 54-68.

BECKER, H. S. **Truques da escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Zahar, 2015.

2 Em tempo, os resultados da pesquisa da turma 2019/2020 e alguns outros materiais utilizados nas aulas podem ser acessados no endereço: <https://sociolabfundaj.wixsite.com/pibicemfundaj2ed/material>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias**. Brasília, 2006.

CHEVALLARD, Yves. Qué es la transposición didáctica? *In: . La transposición didáctica: del saber sábio al saber enseñado*. Aunque grupo editor, terceira edição, 1998. Disponível em: http://www.terras.edu.ar/biblioteca/11/11DID_Chevallard_Unidad_3.pdf Acesso em 10/10/2021.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2007.

FREIRE, P. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HOLANDA, Lilian Camilo Sousa. **A pesquisa como ferramenta para o ensino de Sociologia no Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2015.

MIRANDA, Jéssika Wanessa dos Santos. **O ensino de Sociologia e a pesquisa científica: um estudo de caso da experiência do Programa de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC/EM) da Fundação Joaquim Nabuco**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROFSOCIO), Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2020.

PIMENTA, Selma. **Professor reflexivo no Brasil, gênese e crítica de um conceito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **PROFSOCIO: Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional** - PROFSOCIO. 2021. Disponível em <<https://profsocio.ufc.br/pt/inicio/>> Acesso em 10/10/2021.

WELTER, Tânia. De como a Antropologia instrumentaliza estudantes. **Revista Café com Sociologia**. Vol.4, n.2, pp.51-66, mai/jul. 2015. Disponível em <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/514>> Acesso em 10/10/2021